

Sarney faz condenação radical do "apartheid"

Foto de Wilson Pedrosa

Teresa Cardoso

Cabo Verde — Num clima festivo eminentemente brasileiro e marcado pela emoção que o levou às lágrimas, o presidente Sarney lançou na cidade de Praia as bases de sua política internacional para a África austral. Pela primeira vez, ele colocou radical ênfase na condenação do **apartheid**, vigente na África do Sul e na Namíbia, classificando esse regime como a fonte originária das graves tensões e dos conflitos na África austral.

Sarney lastimou também emocionadamente a política agressiva e desestabilizadora praticada pela África do Sul contra países vizinhos, como as repúblicas populares de Angola e Moçambique. "A posição brasileira de apoio aos legítimos interesses do povo angolano traduz a solidariedade de minha nação com a liberdade e a dignidade em Angola", disse o presidente. Angola foi o país mais citado no discurso.

Pronunciado em sessão solene da Assembleia Popular o discurso tinha 26 páginas, mas o presidente fez questão de ler até o fim, apesar da dolorosa faringite que o incomoda, problema associado a duas aftas provocadas por estomatite. "Eu não estou nada bem", disse o presidente quando chegou a Cabo Verde, porém na hora em que se preparava para fazer um discurso à multidão que o aplaudia, seu médico Messias Araújo o preveniu: "O senhor acha que tem condições?". Sarney respondeu: "Acho que sim".

Diante de palavras de ordem como "Viva a solidariedade internacional", "Viva o Brasil" e "Viva a Nova República", Sarney falou poeticamente: "Venho trazer o abraço fraterno, amigo, irmão, de 130 milhões de brasileiros. Todos os brasileiros desejariam estar aqui nesse instante para reviver esse reencontro das nossas origens comuns". Quando ele terminou de falar, a multidão de quase 12 mil pessoas irrompeu num samba tão brasileiro que levou Jorge Amado a dizer:

— Estes são os nossos verdadeiros afoxés filhos de Gandhi.

E o escritor parecia ter razão. No meio da batucada, o deputado comunista e baiano Fernando Santana começou a dançar, explicando depois que sentia como se Ogun fosse baixar em seu corpo. O presidente de Cabo Verde, Aristides Pereira, ficou vivamente impressionado com a história.

Com seus 410 mil habitantes, a ilha de Cabo Verde tem uma paisagem árida e inóspita com raríssimas vegetações, mas um povo negro bastante parecido com o baiano. A alegria reinava nas ruas e havia multidões com bandeiras brasileiras em cima dos telhados. Era ponto facultativo no país.

O decreto do ponto facultativo foi apenas uma das homenagens que Aristides Pereira ofereceu ao presidente de um país que até agora deu pouquíssima confiança aos caboverdianos. Em setembro do ano passado, ele pediu ao governo brasileiro que lhe mandasse remédios para a população. Por dificuldades burocráticas, esses remédios nunca chegaram.

Agora, Sarney quer retribuir as gentilezas desse país que, inexplicavelmente, adora o Brasil e vai começar por construir ali uma biblioteca com projeto de Oscar Niemeyer. Seguindo-se a isso a doação de um bom acervo literário. O mais significativo comércio que o Brasil mantém atualmente com Cabo Verde limita-se a 13 milhões de dólares para a Petrobrás refinar petróleo importado por este país africano. O sonho de Sarney agora é a construção de um entreposto que permita a Cabo Verde reexportar produtos brasileiros para a costa da África.

A cordialidade de Cabo Verde com Sarney esteve presente nos mínimos detalhes, inclusive em pratos arranjados em forma de coração que lhe serviram num almoço no Palácio do Povo. Ali, Sarney ouviu os cantores, Cezaria e Nelson Atanásio. Jorge Amado levantou-se em plena refeição para beijar Cezaria, sendo aplaudido por todos. Porém, o mais aplaudido foi o presidente Sarney, que num improviso glorificou aquele povo e pediu um brinde pela saúde de todos. O almoço foi marcado pela improvisação: faltaram pratos, mesas e copos para os convidados. Mas o presidente achou tudo bem brasileiro.

A BBC transmitirá hoje às 19h25min (hora de Brasília) entrevista exclusiva concedida pelo presidente Sarney à emissora.

Diplomacia esbarra em amor a vestido longo

Cabo Verde — A inexistência de um vestido longo para dona Marly Sarney comparecer ao jantar oficial oferecido pelo presidente de Cabo Verde, Aristides Pereira, quase resulta numa crise diplomática, exatamente no dia em que o presidente Sarney lançava as bases de sua política internacional para a África. Ao contrário do que aconteceu em todas as recepções noturnas em Portugal, quando o longo, a casaca e o fraque foram obrigatórios, o Itamarati previu traje de coquetel, ou seja, passeio-toilette, para a única recepção no palácio presidencial de Cabo Verde.

O Itamarati não sabia que a primeira-dama do país, dona Carolina Pereira, guardara durante um ano um vestido longo para uma solenidade de pompa como a visita de Sarney a seu país. Esse detalhe da maior importância para o cerimonial só foi descoberto quando o avião presidencial deixava a ilha do Sal para a ilha de São Vicente. Por orientação da equipe que administra a viagem, tudo que não fosse usado em Cabo Verde deveria ser deixado no aeroporto da ilha do Sal, de onde a comitiva segue hoje para o Brasil.

O programa oficial não previa que alguém fosse necessitar de vestido longo em Cabo Verde, por isso dona Marly deixou todos os seus empacotados para serem usados novamente só em Brasília. No momento em que o avião que levava a comitiva à ilha de São Vicente acabara de decolar, o chefe do protocolo de Cabo Verde comunicou ao embaixador Alves e Souza, chefe do cerimonial de Sarney, que dona Carolina Pereira gostaria de usar seu vestido longo à noite. "Isso é impossível", respondeu Alves e Sousa, explicando que no programa estava previsto apenas traje escuro de passeio e uniforme correspondente.

Ninguém conseguiu que dona Carolina Pereira se contentasse disso e, delicadamente na condição de hóspede, o presidente Sarney determinou que um avião se deslocasse de volta à ilha do Sal para buscar o vestido de dona Marly. Mas isso era impossível, por falta de combustível.

Mas a mulher do chanceler cabo-verdiano, Maria Teresa da Luz, prometeu ajudar e, para felicidade de todos, a primeira dama cabo-verdiana mudou de idéia.



Liberada pelo ponto facultativo, a população de São Vicente saudou Sarney nas ruas

Ponte com a África em defesa da paz

Na sessão solene da Assembleia Nacional Popular, em Cabo Verde, o presidente Sarney disse:

"Nesta primeira viagem que realizo, como presidente de meu país, além dos limites do continente americano, encontro em Cabo Verde uma ocasião especialmente oportuna para reiterar a prioridade de que o Brasil atribui, em sua política externa, às relações com o continente africano. A África, de que Cabo Verde é imagem promissora e atuante, é uma das matrizes do Brasil moderno. A ela nos unem inúmeras afinidades étnicas, culturais, históricas e lingüísticas, além da natural comunhão de interesses em inúmeras matérias internacionais, principalmente aquelas ligadas à paz, ao desenvolvimento econômico e social e à cooperação entre os povos.

Na ampla convergência de pontos de vista entre nossos países, encontro a matéria-prima com a qual podemos prosseguir na consolidação de relações densas no plano político e crescentemente diversificadas e dinâmicas no plano econômico-comercial e da cooperação em base igualitárias.

No campo da política externa, Cabo Verde tem pautado sua ação pela defesa intransigente da paz e do desarmamento. Igualmente notáveis vêm sendo os esforços de seu país em prol do estabelecimento de uma nova ordem internacional, mais justa e equitativa, e do respeito, por todos os estados, independentemente de suas orientações sócio-políticas e de seu poder relativo, às normas jurídicas internacionais e aos princípios fundamentais inscritos na Carta das Nações Unidas.

Todo esses temas nos aproximam e tornam a nossa coordenação importante para a promoção de interesses comuns. A comunidade lingüística, que nos aproxima por um lado especialmente sensível dos demais países que falam o português, permite-nos pensar em fórmulas práticas de levar aos foros internacionais, em nossa língua, posições construtivas em muitas matérias de interesse comum, como o desarmamento, a preservação do Atlântico Sul como um oceano de paz e de cooperação, a defesa intransigente da não-intervenção e do direito de autodeterminação dos povos, e tantos outros.

No que se refere à situação africana, as avaliações do Brasil e de Cabo Verde

se associam às posições de todas as nações livres e soberanas deste continente. Nossas manifestações de repúdio ao colonialismo, ao neocolonialismo, bem como a todas as formas de racismo, aquelas que de forma odiosa institucionalizam a discriminação racial como sistema de dominação, foram muito mais do que uma plataforma compartilhada de política internacional, constituem clara e abrangente visão do mundo.

Nunca é demais repetir que a sociedade brasileira, fundamentada na miscigenação racial e na fecunda integração de culturas, rejeita veementemente o regime injustificável e retrógrado do **apartheid**, ainda vigente, mas em plena e irremediável crise, na África do Sul e na Namíbia. Coerente com os anseios do povo brasileiro, meu governo tem condenado sistematicamente a persistência desse regime, que, além de violar os direitos do homem e a dignidade da espécie humana, representa, a nosso ver, a fonte originária das graves tensões e dos conflitos na África austral.

Imbuído da convicção do direito dos povos a se organizarem soberanamente em estados, especialmente no contexto da luta anticolonial, tem o governo brasileiro reiterado a sua inflexível condenação à continuada ocupação ilegal do território na Namíbia pelo governo de Pretória, bem como a política agressiva e desestabilizadora da África do Sul contra países vizinhos, em especial as repúblicas populares de Angola e de Moçambique, países aos quais estamos ligados, tal qual Cabo Verde, por vínculos inquebrantáveis de caráter histórico, lingüístico e cultural.

Temos acompanhado com preocupação e analisado em profundidade a presente situação na África austral e, em particular, as graves e complexas condições existentes na República Popular de Angola em decorrência das agressões externas a aquele país irmão. Neste momento em que me encontro em solo africano, manifesto a firme convicção de meu governo de que são indispensáveis e da maior urgência a cessação não apenas das agressões cometidas pela República da África do Sul contra Angola mas também de toda assistência às forças irregulares que desestabilizam aquele país.

Reafirmando a alta prioridade atribuída pelo Brasil à preservação da soberania, da independência e da integridade territorial da República Popular de Angola, reiteramos a firme disposição do governo brasileiro de buscar incessantemente favorecer o estabelecimento da paz e de rechaçar todas as ações que conflitam com o estrito cumprimento dos princípios fundamentais do direito internacional e da Carta das Nações Unidas.

A posição brasileira, de inequívoco apoio aos legítimos interesses do povo angolano, traduz a solidariedade de minha nação com a liberdade e a dignidade em Angola e em toda a África austral.

Estou certo de que a complexa problemática da África austral jamais poderá ser solucionada no horizonte das tensões leste-oeste ou sob qualquer ótica estratégica de grandes potências. A solução da crise naquela região passa primeiramente pelo desaparecimento do **apartheid** e, em seguida, pela sólida implantação de uma estrutura de interação pacífica entre os estados da região, que permita a todos eles dedicar-se à luta para implementar os projetos nacionais de desenvolvimento.

Nesse contexto, esperamos colaborar, de forma franca e reciprocamente vantajosa, para o maior progresso de todas as nações africanas que assim o desejarem. A cooperação brasileira já se tornou conhecida por nossos parceiros africanos como desprovida de intenções hegemônicas e vinculações de ordem política ou ideológica. De nossa parte, não pouparemos esforços para continuar, com imaginação criadora, a intensificar essa cooperação.

Como exemplo deste esforço, o governo brasileiro está ultimando novo programa de cooperação técnica para a África, consubstanciado em documento assinado com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Trata-se da criação do Fundo de Cooperação Técnica Brasil-PNUD, que contemplará a formação de recursos humanos africanos, através da oferta de bolsas de estudos no Brasil e do fornecimento de serviços de consultoria brasileiros. Cabo Verde será um dos primeiros beneficiários desse programa, através da estruturação do projeto já existente de treinamento médico nas áreas de psiquiatria, traumatologia, ortopedia e cirurgia geral."